

De todas essas gerações, de todas essas dores e alegrias, amores, guerras e idéias, ergue-se uma voz pura e tranqüila; é pura e tranqüila porque contém todos os defeitos e todas as inquietudes do homem que luta; ela os ultrapassa e sobe.

Dessa massa humana, alguém procura libertar-se com os pés e as mãos, afogado entre lágrimas e sangue.

Libertar-se de quê? Do corpo que o mantém prisioneiro, do povo que o sustém, da carne, do coração e do cérebro do homem.

Senhor, quem és tu? Como um centauro surges à minha frente, as mãos erguidas para o céu, os pés atolados na lama.

— Eu sou O que sobe eternamente.

— Por que sobes? Tu te esgotas, tu te exaures querendo desprender-te da besta, do homem. Não me deixes só!

— Eu ergo as mãos, agarro-me a todos os corpos quentes, elevo a cabeça acima do espírito para poder respirar; asfixio-me, nada me pode conter.

— E por que tremes?

— De medo. A subida não tem fim. Minha cabeça é uma chama que jorra, mas a cada instante o sopro da noite tenta extingui-la. Tudo o que realizo, toda minha obra em cada corpo está eternamente em perigo. Caminho através da carne e caio, como um peregrino surpreendido pela noite, e grito por socorro,

*Quarto degrau: A Terra*

O grito não foi teu. Nem foi tua raça que gritou dentro de teu frágil peito. Nem foram as gerações de homens, brancos, amarelos ou negros, que gritaram em teu coração. É a Terra toda, com seus rios e suas árvores, seus animais, seus homens e seus deuses, que se arroja em teu peito e grita.

A Terra se eleva em teu cérebro e pela primeira vez domina seu corpo inteiro e o contempla.

Ela estremece; o que vê é uma fera que come, pare, agita-se e recorda. Está faminta e devora seus filhos — plantas, animais, homens e idéias — e, depois de triturá-los entre os sombrios molares de suas mandíbulas, ela os filtra através de seu corpo para os reverter ao barro.